

# A revolução invisível

1917: Lenin desembarca em São Petersburgo; Trotski organiza os trabalhadores em soviets; as tropas fiéis ao primeiro-ministro Kerenski metralham os manifestantes; metade do exército russo deserta as trincheiras do front e o exército alemão aproxima-se da cidade; o embaixador do Brasil manda para o Itamaraty despachos que só tratam das intrigas da Corte e da vida privada do tzar e da sua família. Não é o único. Outros embaixadores tampouco viram nascer das ruas a Revolução de Outubro.

Tenho a impressão de ter sido um embaixador na corte do tzar no princípio da semana. Se me perguntassem, na segunda-feira, o que de novo havia em Brasília, diria que era a aparição das primeiras nuvens de chuva e o surgimento no mercado de jabuticabas, meu vício predileto. Foi através do rádio de um táxi que tomei conhecimento do que pode vir a ser uma revolução invisível.

Ouvi o presidente Fernando Henrique falar da inauguração da TV-Escola. É um programa que atingirá 25 milhões de alunos do ciclo básico do Primeiro Grau, um milhão de professores e as 46 mil escolas de mais de cem alunos que existem na rede pública, cada uma dotada de um aparelho de TV, uma antena parabólica, um videocassete e dez fitas virgens.

Vinte e cinco milhões de crianças é um número impressionante, até na China. Pedro Paulo Popovic, encarregado de produzir o material didático, disse-me ser a TV-Escola o maior programa de educação à distância que já se tentou no mundo.

O presidente Fernando Henrique anunciou no sábado o projeto TV-Escola e as políticas federais que o complementam aos 27 governadores que reuniu na Granja do Torto. Como os recursos serão repassados aos Governos estaduais, que se encarregarão de fazê-los chegar às escolas, a sua aprovação era indispensável. Todos concordaram e assinaram uma declaração de apoio. No entanto, o evento quase não teve cobertura da imprensa. O ministro Paulo Renato diz que é porque todo mundo afirma reconhecer que a péssima qualidade do ensino de Primeiro Grau é o maior obstáculo para o desenvolvimento do país,

mas o interesse é só da boca para fora. No entanto, até no Palácio do Planalto se deve saber que, no sábado, as revistas estão fechadas e os jornais guardam espaço apenas para resultados esportivos e acontecimentos de urgência. A Granja do Torto só ganharia manchetes se fosse atingida por um raio, de preferência matando uma meia dúzia de governadores.

Material didático não ensina sozinho. Se não se conseguir manter as professoras recicladas em sala de aula, a TV-Escola terá chances mínimas de sucesso. Por isto, o programa se baseia em um esquema financeiro. Diz o ministro da Educação, Paulo Renato:

— Estamos calculando um custo mínimo de um aluno por ano em R\$ 300 e o piso salarial das professoras, por 20 horas de trabalho semanal, também em R\$ 300. Onde as escolas e o professorado custam menos, o Governo federal garantirá essas importâncias. A idéia é criar um único Fundo de Desenvolvimento do Ensino Básico, onde serão depositados todos os recursos hoje destinados à educação básica, que os destinará aos estados. Cada estado terá um fundo igual, para distribuir o dinheiro aos municípios, segundo o número de alunos que tenham matriculados nas suas escolas. Município que não tiver escolas não ganha nada. Em São Paulo, por exemplo, a rede estadual recebe 89% dos alunos e a municipal, 11%. Paulínia, um município tão rico que oferece transporte gratuito à população, tem creches mas não tem uma única escola. Esperamos, com esta sistemática, incentivar a municipalização do ensino, que é mais eficiente, porque pode ser mais bem controlada pelas comunidades escolares. Campinas, se quiser continuar a receber o que hoje recebe, terá de absorver 40 mil alunos do estado. Jundiaí terá de absorver 20 mil. Já no Nordeste, onde as escolas foram em grande parte municipalizadas, as prefeituras receberão muito mais do que atualmente recebem.

Para esse projeto dar certo, será necessário mudar alguns artigos da Constituição. Paulo Renato conta com o apoio do governadores e prefeitos para fazê-lo. Não é fácil. As revoluções nunca são fáceis.